

STUDIA IBERYSTYCZNE

13
2014

**UNIVERSOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
EM DEBATE**

ŚWIATY JĘZYKA PORTUGALSKIEGO

eds.

**Anna Rzepka
Natalia Czopek**



Kraków

Eds. Anna Rzepka / Natalia Czopek

© Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego
and individual authors, 2014

Correção linguística:

Ana Wąs-Martins, Cláudio Vinagre

Redação: Edyta Wygonik-Barzyk

Desenho da capa: Igor Stanisławski

A publicação é subsidiada pelo Ministério da Ciência e do Ensino
Superior da Polónia (auxílio *de minimis*) e pela Faculdade de Filologia
da Universidade Jagelónica

Publicado em forma de e-book junto com as 150 cópias em papel

A versão principal é a versão em formato digital

ISSN 2082-8594

e-ISSN: 2391-7636

KSIEGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków

tel./faks: 12 431-27-43, 12 663-11-67

e-mail: akademicka@akademicka.pl

La librería digital – A livraria digital:

www.akademicka.pl

Wstep	7
Prefácio	11

LITTERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Yana ANDREEVA, <i>A busca de identidade em «Jornada com Rupert» de Salim Miguel</i>	17
Kathryn BISHOP-SANCHEZ, <i>Texto reescrito, texto esquecido: «Philidor», uma pérola queirosiana</i>	29
Gabriel BOROWSKI, <i>A vantagem dos míopes: entre história e literatura</i>	41
Anna DZIAŁAK, <i>D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, à luz da «Crónica de El-Rey D. Affonso Henriques» de Duarte Galvão. As «origines regni» revisadas</i>	53
Filipa FREITAS, <i>«Encarnação e Ressurreição de Cristo»: duplicação de um modelo textual</i>	67
David FRIER, <i>A Política do casamento: adultério, família e paternidade em Camilo Castelo Branco</i>	81
Patrícia INFANTE DA CÂMARA, <i>O silêncio nas páginas de «Novas Cartas Portuguesas» (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) e na imagética monocromática de Helena Almeida – uma perspetiva interdisciplinar</i>	99
Anna KALEWSKA, <i>A tradição de Camões na poesia brasileira durante o Arcadismo ou a reinvenção do imaginário épico em «O Uruguay» de Basílio da Gama e n'«O Caramuru» de Santa Rita Durão</i>	111

Kamila KRAKOWSKA, <i>As memórias perdidas da nação moçambicana: «Terra Sonâmbula» e «O Outro Pé da Sereia» de Mia Couto</i>	133
Júlio Cesar MACHADO DE PAULA, «Nem todas as crianças vingam!»: genealogia e afrodescendência na literatura brasileira	149
Jerusa PIRES FERREIRA, <i>António Vieira: prolongada presença, voz profética e performance</i>	161
Pierre-Michel PRANVILLE, <i>O estranho caso do romance policial na literatura lusófona</i>	171
Ana RIBEIRO, <i>De José para José: o último Saramago segundo Rodrigues dos Santos</i>	183
Artur Henrique RIBEIRO GONÇALVES, <i>Maria Teresa Horta e Leonor de Almeida Portugal: do grão de luz ao bago da romã...</i>	195
Sandra TEIXEIRA, <i>O «cordel do cordel»: deambulações pelo acervo Raymond Cantel</i>	205
Bálint URBÁN, <i>A emergência do sujeito político em «Levantado do Chão» de José Saramago – uma perspetiva rancieriana</i>	219
Magdalena WALCZUK, «Cadernos Negros» – vozes afro-brasileiras às margens da literatura	231
Anna WOLNY, <i>A mulata – entre o ódio e o amor</i>	243

LINGUÍSTICA E ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Hanna J. BATORÉO, <i>Criatividade Linguística, Cultura e Ensino da Língua Portuguesa (Português Língua Não-Materna): O que a Linguística Cognitiva nos ensina acerca das diferenças entre o Português Europeu e o Português do Brasil?</i>	259
José BORGES NETO, <i>A manutenção da perspetiva clássica sobre a linguagem como empecilho para os estudos morfológicos</i>	273
Alexandre Marcelo BUENO, Regina PIRES DE BRITO, <i>Português como língua estrangeira: difusão do português em contexto timorense</i>	285

Vesela CHERGOVA, <i>Estudo contrastivo da configuração das categorias verbais em português e em búlgaro</i>	297
Joaquim COELHO RAMOS, <i>Ocorrência e interpretação dos modais poder e dever em português jurídico</i>	317
Natalia CZOPEK, <i>As influências linguísticas portuguesas em África fora das fronteiras dos PALOP</i>	327
Przemysław DĘBOWIAK, <i>A língua portuguesa na transcrição cirílica num dicionário do século XVIII</i>	343
Bartosz DONDELEWSKI, <i>«Falar diferente» e conservar um geoleto vernáculo. Notas sobre a importância da fonética no fortalecimento dos princípios da identidade de G. Breakwell no caso da comunidade d'a fala de Xálima (Cáceres, Espanha)</i>	357
Joanna DRZAZGOWSKA, <i>Infinitivo pessoal – um fenómeno português? Algumas observações acerca do infinitivo flexionado</i>	371
Jan HRICSINA, <i>Substituição do gerúndio pela construção a + infinitivo no Português Europeu (estudo diacrónico)</i>	383
Jakub JANKOWSKI, <i>Banda Desenhada portuguesa traduzida para polaco. Abordagem histórica e teórica na área dos estudos de tradução</i>	403
Sylvia MIKOŁAJCZAK, <i>Características fonéticas do Português da Ilha Terceira</i>	417
Anna OLCHÓWKA, <i>Vencedores, heróis, craques... A imagem linguística do êxito desportivo na imprensa eletrónica portuguesa</i>	425
Bożenna PAPIS, <i>O tratamento das formas de tratamento nas aulas de português língua estrangeira</i>	435
Hanna PIĘTA, <i>De periferia a periferia: constantes e variações na história externa da tradução da literatura polaca em Portugal</i>	445
Sergio ROMANELLI, <i>A língua portuguesa nas traduções do Imperador Dom Pedro II</i>	461
Ildikó SZIJJ, <i>Verbos irregulares com prefixo em português e outras línguas românicas</i>	473
José TEIXEIRA, <i>Língua escrita e língua real: o que um corpus oral permite descobrir</i>	487

Małgorzata WIELGOSZ, <i>Modalidade epistémica e evidencialidade nos sermões católicos na língua portuguesa</i>	507
--	-----

VARIA CULTURALIA

Anabela BRANCO DE OLIVEIRA, <i>O cineasta e a cidade:</i> <i>Manoel de Oliveira e O Porto</i>	521
Grażyna JADWISZCZAK, <i>O fenómeno «Amália» – um capítulo crucial na história religiosa do Fado</i>	535
Paulo PIRES PEPE, <i>Queerizações da Música Popular de António Variações</i>	551

Sergio Romanelli
Universidade Federal de Santa Catarina
sergioroma70@gmail.com

A língua portuguesa nas traduções do Imperador Dom Pedro II

Resumo:

Nesta comunicação pretendo abordar a relação língua portuguesa – línguas estrangeiras nas traduções do Imperador do Brasil Dom Pedro II. Este é um dos projetos desenvolvidos pelo NUPROC da UFSC. Os documentos de processo constituem-se de manuscritos de traduções de várias línguas feitas pelo Imperador e de cartas trocadas ao longo de sua vida com vários intelectuais europeus e americanos, além de páginas de seus diários que trazem informações relevantes acerca dessa atividade, não somente de tradução, mas intelectual *lato sensu*. Ainda que muitas biografias tragam informação dessa atividade na vida do imperador, nenhum grupo de pesquisa até hoje tinha se debruçado sobre a análise minuciosa de seus manuscritos tradutórios guardados junto ao Arquivo Histórico no Museu de Petrópolis. Esta pesquisa conta com o apoio do CNPq e tem recebido destaque na imprensa nacional brasileira.

Palavras-chave: Dom Pedro II, línguas estrangeiras, língua portuguesa, estudo de processo tradutório.

Abstract:**The Portuguese language in the translations of the Emperor Dom Pedro II**

In this communication I plan to analyze the relationship between the Portuguese language and the foreign languages in the Emperor of Brazil's translations. This is one of the projects developed by NUPROC of UFSC. The process documents are made up of manuscripts of translations from various languages made by the Emperor, letters exchanged throughout his life with many European and American intellectuals and pages of his diaries that provide relevant information about his intellectual activity, not only translation. Although many biographies bring the information of this activity in his life, any research group to date had been working on a thorough analysis of his manuscripts, that are now at the Historical Archive in the Petrópolis Museum. This research has been supported by CNPq and has received prominence in the Brazilian national press.

Keywords: Emperor Dom Pedro II, foreign languages, Portuguese language, the translation process.

A pesquisa que apresento aqui está sendo desenvolvida por mim e por um grupo de graduandos, mestrands e doutorandos da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto teve seu início em 2009 e redundou em vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais e no livro *Dom Pedro II: um tradutor imperial* no prelo; além disso, a pesquisa deu origem a vários trabalhos acadêmicos: tccs, dissertações e teses. Todas essas pesquisas visaram, e visam, ilustrar a importância da tradução na vida do Imperador assim como no Brasil imperial. Ao lado desse primeiro objetivo, há também a intenção, e diria quase a necessidade, de resgatar esse material manuscrito esquecido durante um século e meio e também revisar, do ponto de vista historiográfico, essa faceta do imperador muito superficialmente tachada de atividade insignificante de um monarca entediado.

Ao se estudar os manuscritos guardados no Arquivo Histórico de Petrópolis, alguns manuseáveis e legíveis, outros já não mais analisáveis, encontramos uma quantidade significativa de textos traduzidos de várias línguas antigas e modernas (árabe, sânscrito, hebraico, latim, francês, italiano, alemão, espanhol, etc.) e uma igualmente

grande quantidade de cartas trocadas ao longo da vida com intelectuais e cientistas do mundo inteiro. O que mais chamou a atenção de imediato foi a abrangência dessa produção, mas, sobretudo, sua heterogeneidade; uma heterogeneidade que apontava, porém, para um ponto firme: a tradução era uma atividade central na vida do Imperador e não uma atividade classificável, conforme os padrões da época, como ocupação de um diletante da tradução que queria aprender línguas estrangeiras, mas, ao contrário, a ferramenta estratégica para construir uma rede de contatos e talvez um plano maior de construção de um Brasil independente moldado nos modelos literários, culturais, religiosos e políticos europeus e norte-americanos.

É quanto menos anômalo que no arquivo encontramos cartas trocadas com católicos liberais como Cesare Cantù, com o francês Renan, com adeptos da religião unitarista norte-americana do Channing, etc. Ao lado de escolhas e contatos canônicos, há uma série não pequena de traduções de textos diríamos periféricos e amizades com personagens da heterodoxia tanto intelectual quanto política e religiosa. Esses aspectos de um plano, digamos assim, contra-hegemônico pautado na tradução, são objeto de minha pesquisa de pós-doutorado em desenvolvimento junto à Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Antuérpia na Bélgica.

O que gostaria de abordar aqui é, porém, a relação entre língua portuguesa e línguas estrangeiras nas traduções do Imperador, ou seja, do ponto de vista meramente linguístico que tipo de tradutor e de escritor o Imperador era, quais estratégias utilizava na sua criação, como podemos classificá-lo? Como prescritivo ou descritivo? Evidentemente, não poderei esgotar aqui todas essas questões nem analisar todo o vasto corpus, mas pelo menos tentarei apresentar algumas recorrências e alguns destes textos mais significativos de sua produção ainda desconhecidos ao grande público por serem em sua maioria inéditos.

Antes de apresentar algumas das traduções, me parece oportuno retomar alguns dados biográficos sobre o Imperador e ilustrar a fundamentação teórica e a metodologia utilizadas na pesquisa.

D. Pedro II, ou *O Magnânimo*, nasceu em 02 de dezembro de 1825. Governou o Brasil no período de 1840 a 1889. Tornou-se, como já

mencionado, um esforçado tradutor, guardando em seus diários traduções de diversas obras, em diversas línguas de nomes como: Dante, Victor Hugo, Longfellow, Manzoni, Schiller, entre outros. Dedicou-se, de igual forma, como já mencionado, à troca de correspondências e a encontros com inúmeros intelectuais, poetas e escritores, de diversas partes do mundo. Por meio das cartas e das conversas obtinha informações, tirava dúvidas sobre palavras, trocava opiniões, além de receber apoio desses intelectuais que admiravam sua dedicação à tradução.

Utilizarei nesta pesquisa os princípios da Crítica Genética (CG) e dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) para organizar e transcrever os documentos de processo e para analisar sua criação.

Conforme relata De Carvalho “O Imperador escreveu 5.500 páginas de diário, registradas a lápis em 43 cadernos” [2007: 29]; essas páginas se tornam fundamentais para acompanhar o seu processo criativo, pois frequentes são as anotações acerca de sua atividade tradutória e acerca de livros, estudos e encontros. Nos seguintes trechos há uma confirmação da constância com que a atividade tradutória era presente em sua vida e o papel importante que desenvolvia na sua aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras e para a sua afirmação nos polissistemas literário e social:

21 de novembro de 1872 “5^h ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu” [Alcântara, 1999: 344].

18 de novembro de 1876 “Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning (...)” [*ibidem*: 435].

8 de julho de 1887 (...) “3h ½ Traduzi desde 2 ½ sânscrito com o Seibold”.

12 de julho de 1887 (...) “[sic] h ½. Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos Lusíadas em alemão com o original e de continuar a traduzir as Mil e uma Noites no original com o Seibold” [*ibidem*: 539, 543].

1 de maio de 1888 (...) “8h ¾ Não pude acabar de traduzir o Soneto de Manzoni falando de si”.

“11h 40’ (...) Traduzi o soneto que Manzoni fez a si (...)” [*ibidem*: 678-679].

Em outros diários, observamos que após redigir uma primeira versão da tradução, quase sempre auxiliado por um especialista da língua e da cultura de origem, mandava transcrever a versão que, às vezes, retrabalhava, e antes disso, ou depois, conforme os casos, enviava suas traduções para amigos intelectuais, tanto para presentear-los com sua criatividade quanto para receber deles admiração, estima e um retorno acerca da qualidade de seu trabalho:

27 de novembro de 1890 (5a fa.) (...) 10³/₄ Hebraico e Camões. Estou acabando quase a comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. (...) Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também (...) [ibidem: 878].

E ainda testemunhos do despertar súbito do desejo de traduzir determinado poema, o estudo aprofundado que seguia a esse primeiro momento de estímulo criativo e, em seguida, as transcrições e o envio para amigos e confiantes em busca de um julgamento ou de uma atestação de seu trabalho, confirmando certa regularidade no seu sistema criativo:

17 de maio de 1891 (...) 10h Li pouco de poesia do Liégeard, estudando-a para traduzi-la [ibidem: 981].

28 de julho de 1890 (...) Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller (...).

6 de agosto de 1890 (...) Vou à tradução do Sino de Schiller depois de ter copiado o soneto com a data de hoje para dá-lo à condessa [ibidem: 819, 822].

16 de agosto (...) 4h ³/₄ Acabei de ditar à Japurazinha a cópia de minha tradução de Schiller.

17 de agosto (...) 10h 10' Chegando à minha sala achei a Japurinha na cópia de minha tradução de O Sino de Schiller (...) [Ibidem: 828].

De todas essas traduções citadas nessas páginas do Diário, resolvi abordar aqui a tradução do italiano para o português da ode de

Alessandro Manzoni *Il Cinque Maggio*. E foi justamente por causa da tradução da ode que ele começou a corresponder-se com o poeta e escritor italiano. Segundo Lyra [1938], as correspondências com Manzoni se estenderam por cerca de 20 anos, tendo início com um simples pedido de autógrafo e algumas estrofes da ode em junho de 1851. As cartas que se seguiram foram mais próximas e o imperador já mais familiarizado com Manzoni permitiu-se comparar, apreciar o poeta e sua poesia. Encontraram-se pessoalmente em 1871, em Brussaglio. O prototexto desta pesquisa se constitui de manuscritos digitalizados adquiridos junto ao Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e inclui: cartas de Manzoni a Dom Pedro II e vice-versa (15 no total); um manuscrito em italiano do original de Manzoni, uma versão autógrafa de tradução da poesia *Il Cinque Maggio* de autoria do Imperador e outra versão manuscrita de autoria do Barão da Barra.

Como dito, é exatamente em 1851 que Dom Pedro II traduz pela primeira vez a ode *Il Cinque Maggio* que retoma em 1869 e em 1871, mas somente esta última versão foi encontrada no Museu Imperial de Petrópolis. Das outras versões do Imperador não se tem ainda os manuscritos, mas somente transcrições e citações indiretas, encontradas nos livros de 1932 de Medeiros e Albuquerque (42-47) e de Alessandra Vannucci de 2004 (79-80).

Recentemente, temos porém encontrado uma publicação de 1885, editada exatamente no dia 5 de maio, no 64º aniversário da morte de Napoleão ao qual é dedicada a ode, com três traduções publicadas no Rio de Janeiro: a de José Ramos Coelho, a de Dom Pedro de Alcântara (como consta no livro) e a do Visconde de Porto Seguro F. A. de Varnhagen; essa publicação possibilita uma primeira análise descritiva. O livro intitulado *Cinco de Maio. Ode Heroica de Alexander Manzoni e Três versões em Português* traz um próêmio do não identificado M. O.

Tanto no próêmio quanto nas notas explicativas à tradução do Imperador há importantes dados sobre a fortuna crítica da tradução de Dom Pedro, o seu reconhecimento por parte da comunidade internacional de letrados, da qual almejava fazer parte, e a confirmação do julgamento absolutamente parcial que dessa atividade e de sua

qualidade os biógrafos fizeram; citando um dentre todos Medeiros e Albuquerque que prefaciou a reedição de 1932 da primeira e única coletânea de poemas e traduções do imperador publicada até hoje em 1888. Nela, Medeiros [1932: 7], que não se consegue entender por que resolve reeditar e escrever o prefácio de algo que tão asperamente julga péssimo, diz: “Ele sempre foi (podem vê-lo) integralmente péssimo: deficiência de ideias, imperfeição de técnica”. É verdade que Medeiros se refere aos sonetos e não às traduções de Dom Pedro, mas parece quanto menos estranho que, por outro lado, intelectuais europeus e norte-americanos da fama de Manzoni e Longfellow elogiassem a qualidade das traduções de Dom Pedro; quem não sabe escrever sonetos, não sabe nem traduzir sonetos! O proêmio é uma destruição de tudo o que Dom Pedro fez ao longo de seu reinado tanto como político quanto como letrado e tradutor; é tão evidente a finalidade ideológica de Medeiros que esse prefácio só tem hoje em dia valor historiográfico. Não quero aqui defender totalmente os feitos de Dom Pedro II, mas julgar sua produção literária e tradutória e o papel dessa na política imperial, fundamentando essa leitura em dados empíricos e não em pressuposições apriorísticas injustificadas.

A ode foi de imediato aclamada pela crítica italiana e europeia e traduzida por grandes nomes da literatura mundial, como Goethe, Lamartine, entre outros. Cabe dizer que já em 1882 o Sr. C. A. Meschia reuniu em um elegante volume as diferentes versões da ode de que teve conhecimento, ao qual deu o título: *Ventisette traduzioni in varie lingue del Cinque Maggio di Alessandra Manzoni*, no qual está incluída a do Imperador e considerada por ele, em uma carta que trocou com Dom Pedro, uma das melhores:

Majestade,
cumpro somente meu dever ao emprestar
à Vossa Majestade um exemplar da coletânea
de 27 traduções em diferentes línguas
do Cinco de Maio de Alessandro Manzoni, por mim
publicada, pois uma das mais excelentes, e que
enriquece a própria coletânea é,

na opinião de todos
aquela que traz Vosso Augusto Nome [Meschia: 1883, fólio 01]¹.

No seu proêmio, o desconhecido autor [Manzoni, 1885: 17-18], após listar todas as 28, e não 27 traduções como Meschia havia escrito, em vários idiomas da ode, afirma o seguinte acerca das três em português:

Das portuguezas, a do Sr. José Ramos Coelho era já ha muito lida no seu apreciado livro de *Novas Poesias*; porém a de S. M. o Imperador do Brazil cremos ser inteiramente desconhecida de quasi todos os leitores, tendo sido apenas ouvida de raros Íntimos nas palestras Litterarias de S. Christovam. O livro onde se estampou não o possuem as bibliothecas publicas d'esta capital, e tão pouco se encontra aqui á venda em casas de livreiros. Logo é pois uma incontestável novidade litteraria, um mimo precioso a regia traducção com que hoje brindamos, neste breve opusculo, o público intelligente. Addicionâmos a versão do fallecido Visconde de Porto-Seguro, (F. A. de Varnhagen) impressa na 2a serie de *Lysia Poética*, edição exhausta e livro já pouco comum.

O autor destaca a preciosidade da publicação da tradução do Imperador, pois, como mencionado, sua primeira coletânea será somente publicada em 1888 pelos netos, e até então suas traduções e composições só circulavam por cartas entre intelectuais com que se correspondia e em manuscritos autógrafos que emprestava a intelectuais da época, como os Mota Maia, para que eles pudessem julgar seu valor.

O autor do proêmio, continuando sua apresentação da tradução imperial, destaca o fato de não ser essa tradução um fato isolado, mas algo comum na vida do imperador, atestando pelo menos o fato de que se conhecia seu interesse pela atividade tradutória e que não era somente

¹ Tradução minha. *Maestà, / Non faccio che adempiere un dovere presentando / alla Maestà Vostra un esemplare della raccolta / di ventisette traduzioni in varie lingue / del Cinque Maggio di Alessandro Manzoni, da me / pubblicata, poichè una delle più eccellenti, dalle quali / la raccolta stessa trae pregio è, a comum giudizio / quella che porta il Vostro Augusto Nome*. Fac-símile de uma carta de Carlo Attilio Meschia a D. Pedro II (09 agosto 1883). MAÇO 189 DOC. 8599. Arquivo Histórico de Petrópolis.

uma distração poética, como ele aqui a descreve, e que suas traduções eram lidas no Paço no Rio e já avaliadas discretamente, ou seja circulavam e circulava também uma apreciação positiva paralela à que em pouca consideração colocava essas produções do Imperador:

A tradução do *Cinque Maggio* não é de certo a primeira distração poética em que S. M. tem empregado os lares do seu grave officio de reinar. Entre esses trabalhos, conta-se uma versão do grego, nada menos que o *Promelheu* de Eschylo, de que o fallecido Dr. Duque-Estrada Teixeira leu trechos em duas conferências da Glória. Diz-se ter também trasladado o v canto do *Inferno*, o formoso episódio de Francisca de Rimini, versão á qual gratos rumores segredam discretos applausos [Manzoni, 1885: 68].

A grande admiração recíproca entre ele e Manzoni e a relação intelectual e criativa é testemunhada por uma das tantas cartas que trocaram ao longo de suas vidas. Na seguinte transcrição da carta de 15/04/1853 há por sinal uma confirmação não somente da tradução, mas da discussão minuciosa que entretinham acerca do processo criativo de ambos, a saber:

Fol. 3

a quasi tutte le lezioni differenti d'alcuni versi dell'ode di cui ha voluto gradire con tanta degnazione una mia copia. Le due edizioni di cui mi fa cenno, io non le ho mai viste, e non potrei procurarmele, avendo io medesimo fatta istanza perché non fosse permessa l'entrata all'edizioni straniere de' miei scritti. La sola variante che mi sia nota, è quella del Ferve sostituito al serve. E, per non mancare all'usanza de' poeti, difenderò arditamente la mia lezione, e per il merito dell'antitesi, accenata dalla Maestà Vostra, e perché il sentimento che sarebbe espresso dal Ferve è già toccato implicitamente nelle parole ansia e indocile, del verso precedente².

² [CARTA DE MANZONI A D PEDRO, 15/04/1853] Maço 119 – Doc 5892. Arquivo Histórico de Petrópolis.

A estrofe acerca da qual discutem na carta e que apresenta, em algumas edições estrangeiras, variantes que tanto Manzoni quanto Dom Pedro consideravam duvidosas é a que colocamos aqui ao lado das outras duas versões em português para acenar a uma análise descritiva:

Francisco A. de Varnhagen	José Ramos Coelho	Pedro de Alcântara	Alessandro Manzoni
O procelloso e trepido Gosar de vastos planos, Do nobre peito as âncias A um reino entre os humanos Logrou feliz, com prêmios Insanos de idear.	O procelloso e trepido Prazer d'uma alta empreza, A ância de um peito indomito Que sonha a re- aleza, E a ganha, e alcança um prêmio Que era loucura esp'rar (...).	O procelloso e trepido Prazer d'um grande plano, A ância de quem indomito Serve p'ra ser sob'rano, E o é; e ganha um prêmio, Que era mania esp'rar (...).	<i>La procellosa e trepida Gioia d'un gran disegno, L'ansia d'un cor che indocile Serve, pensando al regno, E il giunge, e tiene un premio Ch'era follia sperar (...).</i>

No caso de Dom Pedro, a consulta com o autor italiano parece ter levado a um respeito da versão original. Esse exemplo mostra o cuidado e o profundo conhecimento dos textos e autores que Dom Pedro II traduzia. Conforme Teixeira [1917: 78]:

A verdade, porém, é que D. Pedro II manejava os versos com a mesma maestria com que burilava a prosa, em qualquer idioma europeu. De todas as traduções vernáculas da celebre ode de MANZONI a NAPOLEÃO, nenhuma se iguala à do Imperador, que a traduziu literalmente, verso a verso, na mesma metrificação, mantendo as onomatopéias do original e até a mesma expressão – *a onda dos cavallos*, que pinta ao vivo o estrépido da cavallaria.

As opções apresentadas indicam a aproximação de Dom Pedro ao original italiano tanto no plano formal, com o respeito quase

total da morfossintaxe do originale também uma identificação com o tema abordado por Manzoni, como não pensar que os versos dessa estrofe não o tenham tocado: “A ância de quem indomíto / Serve p’ra ser sob’rano / E o é (...)”. Outra consideração, ainda que não citada, na troca de informações entre Manzoni e D. Pedro II, é sobre a ocorrência do termo *procelloso* sem nenhuma alteração no texto traduzido. O comportamento conservador em relação às opções lexicais demonstra uma aproximação às normas da tradução da sua época que prezava a fidelidade ao original. A análise dessa ocorrência foi determinada como manutenção de um latinismo culto de alcance restrito que confirma a tendência, apontada anteriormente, de D. Pedro II – a de manter sua tradução próxima ao original mesmo que as opções escolhidas se distanciassem do que seria mais comum para a língua alvo, ou seja, o português da época, caracterizando-o então como um tradutor *source oriented* e mais estrangeirizador do que domesticador.

Referências bibliográficas

- ALCÂNTARA, P., de (1999), *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890*, Organização de Begonha Bediaga, Museu Imperial, Petrópolis.
- CARVALHO, J. M., de (2007), *D. Pedro II*, Companhia das Letras, São Paulo.
- LYRA, H. (1938), *História de Dom Pedro II, 1825-1870, Ascensão 1825-1870*, v. 1, Nacional, São Paulo.
- MANZONI, A. (1885), *Cinco de Maio. Ode heroica de Alexandre Manzoni e três versões em portuguez*, Tipografia Moreira e Maximino, Rio de Janeiro.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE, J. J. (1932), *Poesias completas de Dom Pedro II*, Editora Guanabara, Rio de Janeiro.
- MESCHIA, A. (1883), *Fac-símile de uma carta de Carlo Attilio Meschia a D. Pedro II*, MAÇO 189 DOC. 8599, F. 1, Arquivo Histórico de Petrópolis, Petrópolis.

- TEIXEIRA, M. (1917), *O imperador visto de perto*, Leite Ribeiro & Maurilio, Rio de Janeiro.
- VANNUCCI, A. (org.), (2004), *Uma amizade revelada. Correspondência entre o Imperador dom Pedro II e Adelaide Ristori, a maior atriz de seu tempo*, Edições Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.